Se nós não temos nenhuma experiência da nossa alma imortal, da nossa alma transcorporal, não é extracorporal, preste atenção. Vamos adotar esse termo: transcorporal. Extracorporal é o que está fora do corpo, o que é diferente do corpo. Transcorporal é o que transcende e abrange o corpo, uma coisa que transcende a outra não a exclui, evidentemente. Aquilo que transcende, abrange. Portanto, regra número um: a sua alma não está no seu corpo e nem separada dele. O corpo está dentro da alma. Estes fenômenos de percepção extra sensorial, trans sensorial do estado de morte clínica, comprovam isso da maneira mais extraordinária, por quê? Porque essas pessoas vêem o seu próprio corpo, todas elas. É como se eu estivesse levantando e vendo meu corpo ali na cama. Vi o corpo, vejo as pessoas no entorno, vi as pessoas no quarto vizinho etc. Vi um monte de coisa em volta. Esta alma não se tornou alheia ao corpo, mesmo com o corpo inativo agora, mas ele ainda existe para esta alma, esta alma conhece o corpo. E se conhece, então, o corpo está dentro dela como um dado de realidade.

Ora, quando Santo Agostinho diz para vocês: “A verdade está no interior do homem”. O que ele quer dizer? Está dentro da sua mente, é um pensamento seu? Não pode ser. Porque no nosso pensamento a verdade e o erro se misturam o tempo todo. E mesmo as verdades mais sublimes que às vezes nós percebemos, três minutos depois nós esquecemos. Não há nada no meu interior, que eu possa chamar com esse nome de “verdade”. E se Deus estivesse no meu interior, onde estaria o seu Deus? Muito menos pode Deus estar no corpo. Então, aonde está Deus? Aonde esse “dentro”? Ele está dentro da sua alma imortal. O que não quer dizer que Deus seja parte dela. Deus é a substância e o fundamento da alma imortal. Deus criou a nossa alma imortal consigo próprio, ele se infundiu ali, por força do seu amor. A alma imortal não foi produzida por Deus, porque senão ele teria que se separar dela, mas se ele se separasse você deixaria de existir, então ele se infundiu nela. E dentro desta alma imortal está o seu corpo mortal, com uma função específica para adaptar o seu funcionamento em certas condições cósmicas determinadas.

Você não precisa estar em estado de morte clínica para experimentar isso, você pode experimentar agora, já. É só você prestar um pouquinho de atenção e você vê que além de mente e corpo existe alguma coisa. Como é que você faz? Vamos partir do seu corpo e da sua mente, certo. Esse é o material que a cultura moderna nos deixou. Mas se você prestar um pouquinho de atenção, você verá, o seu corpo é totalmente impermanente, as células dele estão trocando o tempo todo e quando você, desesperado com a fugacidade da suas ideais e a impermanência da suas ideias, você busca um apoio no corpo.

Não, afinal de contas eu tenho uma identidade, eu tenho uma permanência e isso é atestado pelo meu corpo. Você está enganando a si mesmo. Mas, cá entre nós, você sabe ou você não sabe que você tem uma permanência? Que você tem uma identidade? Você sabe! Você não pegou isso nem da sua mente e nem do seu corpo, meu filho. Ao contrário, para você perceber que tem uma mente e tem um corpo, você precisaria ter essa identidade antes. O que é identidade? É o fundo anímico permanente do seu ser. E, você pode penetrar nesse fundo agora mesmo se você quiser, é só você olhar para si mesmo, eu tenho que usar a palavra olhar como uma metáfora. É só você se conceber ou se perceber pelo que existe de mais fundo e permanente em você. Você pode imaginá-lo, por exemplo, como uma melodia ou como um ritmo ou como um som permanente. Isso exige uma certa atenção, que no início pode parecer difícil, você se transpor para esta, que não é outra dimensão, é esta mesma dimensão, apenas percebida na sua profundidade. Volte-se para

essa espécie de ritmo ou melodia interior, este fundo de sentimento permanente, que tem por baixo de tudo que você está fazendo e diga: “Isto sou eu”. Meu corpo e minha mente são apenas aspectos disso.

Mas essa continuidade miraculosa, que tem dentro de mim, é isto que sou eu. Se não tivesse isso, eu nem saberia que tenho corpo e que tenho mente. Quando você faz isso, tem dois fatores de distração: o primeiro são as sensações corporais, não ligue para elas, elas vêm e passam. E outro ponto de distração são os pensamentos, não ligue para eles, deixe que eles vêm e passam. Desfrute deste sentimento dessa sua unidade, pois ali é que está você. Ela não tem, provavelmente, uma forma, porque tem todas as formas possíveis. Não tem um conteúdo específico, porque tem todos os conteúdos possíveis também. Tudo o que você percebe do seu corpo e da sua mente, você percebe porque passou por ali, passou por essa sua identidade profunda. Mais ainda, se tudo que você percebe pelo corpo, pela mente é fragmentário e picotado, e se, não tendo unidade nenhuma, você não poderia perceber absolutamente nada, seria ridículo falar em percepção ou até em memória, se você não tivesse unidade nenhuma, então você sabe que tudo que acontece, não influencia este eu profundo, mas ao contrário, é influenciado por ele.

E aí foi o erro de Kant, ao pensar que o que unifica o mundo é a nossa mente, ou as estruturas da nossa mente, isso não tem nada a ver com a estrutura da nossa mente. Isso não é mente. Isto é o seu verdadeiro ser, todo mundo tem. Note bem, quando você ama uma pessoa, o que é que você ama nela? É o corpo ou a mente? Não. É isso [a alma imortal]. É a verdadeira realidade dela. Ah, então você sabe que isso existe? Sempre soube. Só que não tem nome para isso na cultura contemporânea.

Nós podemos ter acesso imediato ao nosso eu mais profundo e permanente. E é através disso nós conscientizamos a nossa imortalidade, temos aquela experiência que dizia Espinosa: “Sentimus experimurque nos aeternos esse”. Sentimos, experimentamos, que somos eternos. A primeira vez que eu li essa frase de Espinosa eu falei: “eu não sinto nada disso, o que há de errado comigo?”. É que Espinosa ainda tinha, embora todos os problemas que ele tinha com a religião judaico-cristã etc, ele ainda tinha herança da cultura antiga, ele tinha essa experiência que todo mundo tinha. O homem moderno não tem mais. Porque isso não tem nome. Tudo que nos acontece tem uma explicação corporal ou mental. Tem um nome corporal ou mental.

— Olavo de Carvalho, COF, Aula 48